Do acolhimento ao encontro

A reciprocidade como paradigma pastoral para a integração dos jovens

Ir. María Mercedes Guaita, Missionária de Cristo Ressuscitado

Introdução

A experiência pastoral desenvolvida na Paróquia do Sagrado Coração, nas proximidades da estação Roma Termini, representou uma importante oportunidade de enriquecimento formativo. Ela nasce da observação de uma situação concreta: jovens migrantes e solicitantes de refúgio e jovens italianos que, embora compartilhem o mesmo território e pertençam à mesma faixa geracional, muitas vezes vivem em condições profundamente diferentes. Essa distância entre as experiências e as condições de vida faz com que os dois grupos pouco se conheçam ou não tenham oportunidades efetivas de encontro, troca e construção de relações significativas.

Roma Termini representa, nesse sentido, um lugar particularmente significativo. É um espaço de passagem, de mobilidade, de chegada e de partida, e também um território no qual se tornam visíveis diferentes formas de marginalização, exclusão e vulnerabilidade. A estação é uma espécie de "fronteira interna" da cidade, onde se concentram pessoas, histórias e condições de vida muito diferentes. É precisamente nesse contexto que a paróquia foi chamada a se questionar sobre sua própria presença e, consequentemente, sobre sua responsabilidade pastoral.

A experiência vivida fez emergir progressivamente uma questão que vai além da simples prestação de serviços assistenciais. Para os jovens solicitantes de refúgio, de fato, a ajuda material (alimentação, alojamento, acompanhamento jurídico) não esgota a necessidade de integração. Infelizmente, uma dimensão fundamental da pessoa muitas vezes permanece desatendida: a das relações, do pertencimento, da possibilidade de construir vínculos significativos e de se sentir parte de uma comunidade.

Paralelamente, o encontro com os jovens italianos fez emergir outras formas de fragilidade que também estão presentes na própria sociedade de acolhida. No contexto da sociedade do bem-estar, alguns jovens com os quais se teve contato na experiência pastoral manifestaram dificuldades para planejar o futuro, lidar com o sacrifício e dar sentido às próprias escolhas. Não se trata de generalizar essa condição a toda a juventude italiana, mas de reconhecer uma questão que surgiu concretamente na relação pastoral: mesmo quem não vivencia a pobreza material pode experimentar uma forma de pobreza e vulnerabilidade existenciais.

Daí nasce a intuição fundamental da experiência: a integração pode se tornar um processo formativo recíproco, no qual o encontro transforma e contribui para o crescimento tanto do migrante quanto da comunidade que o acolhe.

O presente trabalho pretende, portanto, interpretar e sistematizar essa experiência, não para apresentá-la como um modelo acabado ou universalmente aplicável, mas para identificar alguns princípios pastorais que possam ser transpostos a outros contextos: a centralidade da relação, a reciprocidade da integração, o protagonismo dos jovens, a presença dos adultos, a necessidade de espaços acessíveis e a capacidade da comunidade cristã de habitar as fronteiras urbanas.

1. Roma Termini como fronteira urbana e existencial

Roma Termini é um lugar no qual a mobilidade contemporânea assume uma forma particularmente visível. Milhares de pessoas passam por ali diariamente; algumas chegam de forma temporária, outras procuram ali um ponto de referência e outras ainda vivenciam situações de especial vulnerabilidade nas imediações da estação.

A experiência pastoral desenvolvida permitiu compreender esse território como uma periferia existencial. A fronteira, nessa perspectiva, não é simplesmente o limite que separa dois Estados, mas, sobretudo, aquilo que separa pessoas que vivem na mesma cidade sem se relacionarem. A cidade contemporânea pode, de fato, produzir proximidade física e distância social. As pessoas podem viver a poucos metros umas das outras e pertencer, na prática, a mundos diferentes. É precisamente nessa distância que a pastoral pode assumir uma função específica: encurtar as distâncias e construir vínculos.

A paróquia situada nessa zona de "fronteira" é, portanto, chamada a se perguntar quais pessoas não estão se encontrando e quais muros invisíveis as impedem de se reconhecerem mutuamente.

2. A dupla vulnerabilidade: duas gerações de jovens que não se encontram

2.1. A vulnerabilidade dos jovens solicitantes de refúgio

A experiência evidenciou uma vulnerabilidade particular dos jovens migrantes e solicitantes de refúgio. Diferentemente dos menores de idade, para os quais a escola geralmente representa um espaço natural de socialização, o jovem pode rapidamente se encontrar sem um espaço cotidiano no qual possa encontrar jovens italianos da mesma faixa etária e desenvolver relações.

No caso observado, os jovens acolhidos nos centros muitas vezes precisam passar parte do dia fora deles. Isso pode resultar em longos períodos de permanência no espaço público sem uma rede significativa de relações. Mesmo quando são oferecidas oportunidades de educação ou de trabalho, elas podem não produzir automaticamente uma integração social efetiva.

O problema que emerge, portanto, não é apenas a ausência de uma atividade, mas a falta de pertencimento. Um jovem pode ter um lugar para dormir, mas não ter um lar no qual possa viver suas relações, ser visto, amado, corrigido e encorajado. Pode receber um serviço, mas não ter uma comunidade. Pode receber assistência sem se sentir reconhecido como sujeito. Essa distinção é importante para uma pastoral que pretenda levar a sério a dignidade da pessoa.

A declaração *Dignitas infinita*, do Dicastério para a Doutrina da Fé, recorda, de fato, que "os migrantes estão entre as primeiras vítimas das múltiplas formas de pobreza. (...) Uma vez que chegam em países que deveriam ser capazes de acolhê-los, «não são considerados dignos o bastante para participar da vida social como qualquer outro, e se esquece que possuem a mesma intrínseca dignidade de toda pessoa»"[1].

2.2. A vulnerabilidade existencial dos jovens locais

Do outro lado da experiência, emerge uma segunda forma de vulnerabilidade. Os jovens italianos envolvidos geralmente não vivenciavam a precariedade material dos solicitantes de refúgio. Alguns, no entanto, manifestavam dificuldades relacionadas ao planejamento do futuro, à capacidade de enfrentar o sacrifício e à busca de sentido para as próprias escolhas. Essa observação não constitui um diagnóstico geral da juventude italiana. O dado pastoral relevante é, antes, aquilo que o encontro concreto fez emergir em alguns jovens: a presença de questões que não encontravam facilmente um espaço no qual pudessem ser expressas. O jovem, portanto, não é apenas destinatário da pastoral. É sujeito da pastoral. E, como mostra a experiência de Termini, pode também se tornar sujeito de uma pastoral do encontro com o migrante.

As duas vulnerabilidades descritas, portanto, não são equivalentes nem comparáveis em termos de gravidade; podem, contudo, ser aproximadas no âmbito pastoral, na medida em que ambas podem encontrar no encontro um espaço de reconhecimento e de crescimento.

[1] Dicastério para a Doutrina da Fé, *Dignitas infinita. Declaração sobre a dignidade humana*, 40.

3. Mundos paralelos e a necessidade de um espaço intencional

As duas realidades juvenis descritas coexistiam na mesma cidade sem dispor de verdadeiros espaços naturais de encontro. Isso produzia uma situação paradoxal: pessoas pertencentes à mesma geração podiam estar fisicamente próximas, mas socialmente distantes. E, quando falta o encontro, o outro é facilmente substituído por uma representação do outro. O rosto concreto é substituído pelo estereótipo, a história pessoal pela categoria e o conhecimento é substituído pelo medo.

Por isso, a pastoral não pode se limitar a fazer um convite genérico ao diálogo: deveria criar condições concretas para que o diálogo e o encontro se tornem possíveis. Aqui se encontra uma das intuições centrais da experiência: o espaço de encontro não surge espontaneamente. Precisa ser criado. A cultura do encontro de que fala a encíclica *Fratelli tutti* não é, de fato, um sentimento genérico de abertura: "significa que nos apaixona, como povo, querer encontrar-nos, procurar pontos de contacto, lançar pontes, projetar algo que envolva a todos"[2]. O Papa Francisco ressalta que "o que conta é gerar processos de encontro, processos que possam construir um povo capaz de recolher as diferenças"[3]. A experiência de Termini pode ser compreendida precisamente como a construção concreta de um desses processos.

4. O espaço de encontro como opção teológico-pastoral

A resposta concreta foi a transformação de um simples salão paroquial em um espaço informal de encontro. Sofás, mesas, uma biblioteca e jogos de tabuleiro contribuíram para criar um ambiente menos institucional e mais doméstico. Essa escolha tem um significado pastoral mais profundo do que pode parecer. O lugar onde acontece o encontro comunica, de fato, uma mensagem. Um escritório diz: "você está aqui para receber um serviço". Uma sala de espera diz: "você está aqui temporariamente". Uma casa diz: "você pode ficar". O espaço de Termini procurou assumir precisamente essa terceira função. Naturalmente, não uma casa particular, mas uma morada relacional: um espaço no qual a pessoa pode permanecer sem precisar demonstrar imediatamente que tem uma necessidade. Essa característica é particularmente importante porque permite passar de uma pastoral centrada na necessidade para uma pastoral centrada na pessoa.

5. O pretexto relacional: fazer juntos para aprender a estar juntos

A simples abertura do espaço não teria sido suficiente. Para favorecer o encontro, foram criadas atividades concretas: cursos de línguas, teatro, pintura, arte, culinária, sessões de cinema com debate, esportes, passeios e momentos de diálogo inter-religioso. Essas atividades podem ser compreendidas por meio da categoria do pretexto relacional. O pretexto não é algo falso ou artificial, mas aquilo que permite que a relação tenha início.

Duas pessoas que não teriam um motivo imediato para conversar podem se encontrar porque cozinham ou jogam juntas. Podem aprender a língua porque a falam com alguém da mesma idade, descobrir uma cultura diferente porque participam de um passeio e abordar uma questão religiosa porque antes construíram uma relação de confiança. A atividade cria, portanto, um espaço intermediário no qual é possível entrar em contato com a diferença sem que ela seja imediatamente percebida como um problema.

6. A reciprocidade como paradigma da integração

[2] Francisco, *Fratelli tutti. Carta encíclica sobre a fraternidade e a amizade social*, 216.
[3] Ibid., 217.

A contribuição mais original da experiência diz respeito à possibilidade de compreender a integração como um processo bidirecional.

Tradicionalmente, a imagem da integração pode ser representada assim:

uma pessoa chega → a sociedade a acolhe → a pessoa se adapta → a pessoa é integrada.

A experiência de Termini sugere um modelo diferente:

uma pessoa chega → estabelece relações → encontra outras pessoas → dá e recebe → ambas as partes mudam.

Essa passagem não é apenas sociológica, mas tem relevância teológico-pastoral. Se cada pessoa possui uma dignidade que precede sua condição social e se cada pessoa é portadora de dons, então o outro não pode ser considerado apenas destinatário da minha ação. É alguém que também tem algo a me oferecer.

A *Fratelli tutti* afirma explicitamente que as vidas dos migrantes "para as comunidades e as sociedades de chegada são uma oportunidade de enriquecimento e desenvolvimento humano integral para todos"[4]. A pessoa migrante, portanto, não é apenas quem recebe algo da comunidade: sua presença pode transformar a própria comunidade. Foi isso que a experiência mostrou.

7. Da condição de "assistido" à relação de amizade

Para os jovens migrantes, um dos efeitos mais importantes da experiência foi a passagem de uma condição predominantemente assistencial para uma condição relacional. No salão paroquial, o jovem não era apenas aquele que recebia alimentos, informações ou apoio nos trâmites burocráticos. Podia ser simplesmente um amigo. Podia jogar, estudar, preparar pratos típicos de sua cultura, praticar esportes e contar sua própria história. Em alguns casos, as relações levaram ao surgimento de amizades profundas, ao apoio nos estudos e até à construção de projetos familiares.

É importante não atribuir automaticamente a esses vínculos uma relação causal absoluta. Mas seu surgimento confirma uma intuição fundamental: a integração não passa apenas pelas instituições; passa também pelos laços de amizade. Uma sociedade não se torna verdadeiramente inclusiva apenas quando permite que uma pessoa tenha acesso a seus serviços. Torna-se inclusiva quando essa pessoa também tem relações, reconhecimento e pertencimento.

8. Quem acolhe também é transformado

O outro elemento decisivo é o efeito sobre os jovens italianos. O convívio cotidiano com jovens provenientes de situações diferentes e particularmente desafiadoras produziu, em alguns deles, uma mudança de perspectiva. A experiência registra casos de jovens que direcionaram seus trabalhos acadêmicos e percursos universitários para o direito da imigração, a educação intercultural e o trabalho social. Aqui emerge um elemento particularmente interessante para a pastoral juvenil. O encontro com a pessoa em situação de desvantagem não é vivenciado simplesmente como um ato de generosidade do jovem "forte" para com o jovem "fraco". A pessoa em situação de pobreza torna-se também aquela que "evangeliza" o jovem que encontra. Isso não significa idealizar o sofrimento ou a condição de vulnerabilidade, mas reconhecer que cada pessoa, mesmo aquela que se encontra em uma situação de necessidade, continua sendo um sujeito capaz de oferecer algo de si, interpelar e transformar o outro. A história do outro pode suscitar questões de sentido que antes não tinham sido formuladas: O que significa realmente viver? O que considero importante? Pelo que vale a pena me empenhar? O que significa construir o futuro? Qual profissão desejo exercer? Que relação quero ter com a sociedade?

[4] Ibid., 133.

Esse elemento encontra forte correspondência na perspectiva da exortação apostólica pós-sinodal *Christus vivit*, na qual o Papa Francisco afirmava que "o empenho social e o contacto direto com os pobres continuam a ser uma oportunidade fundamental para descobrir ou aprofundar a fé e para discernir a própria vocação"[5]. O encontro com o migrante pode, portanto, se tornar também um espaço de discernimento vocacional.

9. Uma pastoral juvenil que não separa, mas estabelece relações

Um dos riscos da pastoral é construir percursos separados por categorias: a pastoral juvenil de um lado, a pastoral dos migrantes de outro. A experiência de Termini sugere, ao contrário, que justamente a relação entre esses dois âmbitos pode gerar novas possibilidades. Os jovens migrantes não precisam apenas de uma pastoral "para migrantes". Os jovens italianos não precisam apenas de uma pastoral "para jovens italianos". Ambos precisam de uma pastoral capaz de criar espaços de encontro.

Toda a comunidade é chamada a se sentir responsável por acolhê-los, motivá-los e acompanhá-los. A ideia é criar um espaço suficientemente livre para permitir que os jovens sejam protagonistas, mas suficientemente acompanhado para garantir uma presença educativa e um ambiente educativo.

10. Liberdade com regras e aliança entre jovens e adultos

A informalidade do espaço não significa ausência de responsabilidade. A experiência mostrou a necessidade de poucas regras claras: respeito às pessoas, cuidado com o espaço, respeito aos horários e às condições acordadas em conjunto. Essas regras devem ser acompanhadas de uma presença educativa. A prática pastoral pode ser descrita em dois níveis.

- Primeiro nível: os pares: os jovens italianos podem se tornar facilitadores do encontro, não como "agentes" que atuam junto aos migrantes, mas como "companheiros" de caminhada.
- Segundo nível: os adultos de referência: religiosos, educadores, famílias e outras figuras adultas garantem estabilidade, escuta, discernimento e capacidade de lidar com as situações mais complexas.

Essa estrutura encontra uma correspondência significativa na exortação apostólica pós-sinodal *Christus vivit*, que ressalta, ao mesmo tempo, o protagonismo dos jovens e a necessidade do acompanhamento por adultos. O Papa Francisco insiste que "os guias não deveriam levar os jovens a serem seguidores passivos, mas sim a caminhar ao seu lado, deixando-os ser os protagonistas do seu próprio caminho"[6].

A experiência de Termini parece, portanto, sugerir um princípio pastoral preciso: a pastoral dos jovens exige, simultaneamente, protagonismo e acompanhamento.

11. A pedagogia do olhar

Outro elemento importante é aquilo que podemos chamar de pedagogia do olhar atento. Em um contexto no qual as pessoas podem facilmente ser reduzidas a números, processos ou categorias, o encontro pastoral começa pelo reconhecimento pessoal: conhecer o nome, lembrar a história, perceber uma ausência, ouvir uma preocupação, compartilhar uma alegria. Esses gestos aparentemente simples são uma forma concreta de reconhecimento da dignidade. A pessoa deixa de ser "um solicitante de refúgio" e passa a ter um nome. Essa atenção também produz corresponsabilidade: quem se sente reconhecido tende a perceber aquele espaço como uma realidade comum a ser cuidada. A pastoral, nesse sentido, é qualidade da presença.

---

[5] Francisco, *Christus vivit. Exortação apostólica pós-sinodal aos jovens e a todo o Povo de Deus*, 170.
[6] Ibid., 246.

12. O paradoxo do sucesso e uma “pedagogia do desapego”

Um dos aspectos mais profundos da experiência diz respeito à relação com o tempo. O espaço de encontro é necessariamente marcado pela transitoriedade. Os participantes mudam. Alguns chegam, outros se afastam. Alguns o frequentam durante meses, outros por períodos mais curtos. A rotatividade representa, sem dúvida, uma dificuldade organizacional. Mas também pode ser interpretada como uma característica intrínseca da condição dos jovens migrantes.

Ainda mais interessante é o chamado paradoxo do sucesso. Quando um jovem encontra um trabalho estável e alcança maior autonomia, sua presença no espaço muitas vezes diminui. No plano emocional, isso pode ser difícil para quem acompanhou o percurso. Mas é justamente aqui que a experiência sugere um critério pastoral precioso: o acolhimento autêntico não cria dependência. O jovem não deve permanecer porque precisa eternamente do espaço. Deve poder partir porque adquiriu a capacidade de construir a própria vida. O espaço é, portanto, um lugar de passagem, o lugar de onde partir. Isso pode ser definido como uma “pedagogia do desapego”: acompanhar significa também preparar a pessoa para não precisar mais de quem a acompanha.

13. A necessidade de formação pastoral

Essa proposta pastoral não pode ser confiada apenas à espontaneidade. A mediação intercultural exige formação. As diferenças culturais e religiosas podem gerar incompreensões; a história pessoal de alguns participantes pode ser marcada por experiências difíceis; a gestão de grupos heterogêneos exige competências relacionais. Por isso, a formação dos voluntários e dos jovens facilitadores faz parte da pastoral. Uma Igreja que promove o encontro deve também aprender a cuidar dele. Isso implica formação para a gestão de conflitos, a escuta, a comunicação intercultural, o diálogo inter-religioso e o conhecimento das dinâmicas de grupo.

14. Da boa prática aos princípios pastorais transferíveis

Neste ponto, é possível perguntar quais elementos da experiência de Roma Termini podem ser transpostos para outros contextos. É preciso, antes, identificar a estrutura pastoral profunda da experiência. Ela pode ser sintetizada em três pilares.

Primeiro pilar: a simetria relacional

O primeiro elemento é a opção por superar a lógica “usuário-operador”. O migrante e o jovem local são colocados em condições de se encontrarem como pessoas. Isso não elimina as diferenças de função. Os educadores continuam sendo educadores e quem acompanha continua responsável pelo espaço. Mas a relação cotidiana entre os jovens é desvinculada da lógica assistencial.

Segundo pilar: a aliança intergeracional

O segundo elemento é a presença conjunta de jovens e adultos. Os jovens garantem a horizontalidade e facilitam a amizade. Os adultos garantem a continuidade e cuidam do processo.

Terceiro pilar: o pretexto relacional

O terceiro elemento é a atividade. A relação não nasce apenas do diálogo teórico sobre as diferenças. Nasce do fazer juntos. Língua, arte, culinária, esportes, teatro, cinema, passeios nas montanhas e diálogo se tornam instrumentos por meio dos quais as pessoas podem, progressivamente, se reconhecer mutuamente.

15. Rumo a um terceiro espaço seguro e acessível

Desses pilares emerge a possibilidade de formular uma categoria pastoral mais geral: um terceiro espaço seguro e acessível. Terceiro porque não é simplesmente o lugar da assistência nem o espaço privado das relações pessoais; seguro porque deve oferecer condições de respeito e proteção; e acessível porque deve ser de fácil acesso, sobretudo para pessoas que não dispõem de meios próprios e que vivem em condições de mobilidade ou precariedade. Essas categorias podem ser aplicadas a diferentes contextos. Pode ser uma sala paroquial, uma biblioteca, um centro cultural, um espaço universitário, um pátio. A questão essencial é a função pastoral que a estrutura assume.

16. Possíveis orientações para a Igreja local

A partir da reflexão sobre a experiência, podem ser formuladas três indicações práticas.

Identificar as "zonas de vulnerabilidade"

As dioceses e as paróquias são chamadas a reconhecer os lugares urbanos nos quais as pessoas correm maior risco de ficar sem vínculos. Estações, periferias, lugares de trânsito e outros espaços de marginalização podem se tornar lugares privilegiados de presença pastoral para construir proximidade.

Integrar a pastoral juvenil e a pastoral dos migrantes

A segunda indicação diz respeito à necessidade de superar a separação entre esses dois âmbitos. A pastoral dos migrantes pode oferecer competências, experiência e conhecimento das situações de vulnerabilidade. A pastoral juvenil pode disponibilizar energia, criatividade e redes de relações. O objetivo é criar espaços nos quais as duas pastorais se tornem uma única experiência de encontro.

Formar os acompanhantes

A terceira indicação diz respeito à formação. Uma cultura do encontro não pode ser construída apenas com base na boa vontade. É necessário formar pessoas capazes de ouvir, mediar, acompanhar e lidar com as diferenças. Nessa perspectiva, a formação intercultural é uma forma concreta de responsabilidade pastoral.

17. Desenvolvimento humano integral: uma chave interpretativa

A experiência pode, por fim, ser compreendida por meio da categoria do desenvolvimento humano integral. O desenvolvimento não se resume ao acesso a um trabalho ou à melhoria da condição econômica. Esses elementos são fundamentais, mas não esgotam a pessoa. Uma pessoa cresce integralmente quando pode desenvolver relações, capacidades, responsabilidade, senso de pertencimento, liberdade e possibilidades de planejar o futuro.

Desse ponto de vista, a experiência de Termini tem um alcance mais amplo do que a simples integração social. Para os jovens migrantes, ela significou a possibilidade de estabelecer relações, aprendizagem da língua, amizade, estudo, autonomia e planejamento. Para os jovens locais, significou troca, abertura, responsabilidade, voluntariado e, em alguns casos, reorientação das próprias escolhas profissionais. É precisamente essa reciprocidade que permite falar de desenvolvimento humano integral. O crescimento de um não acontece contra o outro, mas por meio do encontro com o outro.

Conclusão

A experiência da Paróquia em Roma Termini nasce de uma situação muito concreta: dois grupos de jovens que vivem na mesma cidade, mas que, sem uma opção pastoral intencional, correm o risco de não se encontrar. Por isso, foi criado um espaço no qual pudessem fazê-lo, compartilhando tempo, atividades, questões, dificuldades e amizades.

O resultado mais importante da experiência parece ser, portanto, uma concepção diferente da integração. Integrar significa criar condições para que pessoas diferentes possam se reconhecer mutuamente como sujeitos e descobrir que o encontro transforma tanto umas quanto outras. Essa reciprocidade representa a contribuição pastoral mais significativa da experiência.

O jovem migrante é alguém que deve ser apoiado para se tornar autônomo e também uma pessoa que pode gerar relações, oferecer algo de sua própria história e contribuir para a transformação da comunidade que o acolhe. O jovem local é alguém que oferece seu tempo como voluntário, mas é também uma pessoa em busca, que pode encontrar nesse encontro uma nova compreensão da própria vida, da própria responsabilidade e do próprio futuro.

A prática de Roma Termini pode, portanto, ser interpretada como uma pequena experiência concreta dessa visão eclesial. A paróquia se torna fronteira e morada, porque se situa onde a cidade vivencia suas próprias fraturas e oferece um lugar no qual essas fraturas podem ser recompostas por meio da proximidade e da relação.

A pastoral do acolhimento encontra, assim, sua plena realização na capacidade de acompanhar as pessoas rumo a uma vida autônoma, relacional e de plena participação.

O desafio para a Igreja é, portanto, criar lugares nos quais a fraternidade possa se tornar uma experiência concreta. Em Roma Termini, essa intuição nasceu de um simples salão, alguns sofás, mesas, uma biblioteca, jogos e, sobretudo, da disponibilidade de pessoas para compartilhar seu tempo. Justamente essa simplicidade mostra que, para gerar encontro, é necessária uma intencionalidade pastoral capaz de reconhecer onde existe um vazio relacional e de assumir a responsabilidade de preenchê-lo.

A experiência observada permite, assim, vislumbrar um possível itinerário pastoral: do acolhimento à relação, da relação à reciprocidade, da reciprocidade à fraternidade e, por meio dela, a uma forma mais integral de desenvolvimento humano. Nessa perspectiva, a experiência analisada dirige uma pergunta à Igreja: quais espaços estamos criando hoje para que pessoas que vivem na mesma cidade possam finalmente se encontrar? E, sobretudo, uma segunda pergunta: estamos dispostos a acolher o outro não apenas como alguém a quem podemos dar algo, mas também como alguém de quem podemos receber algo? Talvez seja aqui que se situe a passagem decisiva do acolhimento ao encontro. E do encontro à fraternidade.

Bibliografia essencial

1. Francisco, *Fratelli tutti. Carta encíclica sobre a fraternidade e a amizade social*, 3 de outubro de 2020.
2. Francisco, *Christus vivit. Exortação apostólica pós-sinodal aos jovens e a todo o Povo de Deus*, 25 de março de 2019.
3. Dicastério para o Serviço do Desenvolvimento Humano Integral, Seção Migrantes e Refugiados, *Orientações sobre a Pastoral Migratória Intercultural*, 2022.
4. Dicastério para a Doutrina da Fé, *Dignitas infinita. Declaração sobre a dignidade humana*, 2 de abril de 2024.